



# Reflexões sobre o papel da mídia transnacional nos levantes árabes contemporâneos

Silvia Feraboli<sup>1</sup> • Maio de 2014

## *Resumo:*

*Este trabalho sugere que as transformações ocorridas na mídia árabe nas últimas duas décadas são constitutivas das transformações que vêm ocorrendo nas sociedades árabes nesse período. Aproveitando-se da tecnologia via satélite, fazendo uso de um repertório que ressoa através de toda a região e focando seu conteúdo em questões consideradas "árabes", a comunicação política transnacional no mundo árabe é capaz de fazer o que acontece em um país árabe ecoar por toda a região e, portanto, pode ser considerada como um dos elementos fundamentais que levaram ao "efeito dominó" visto nos levantes populares em curso no mundo árabe desde 2010.*

*Palavras-chave:* Política árabe, mídia árabe, Primavera Árabe.

## *Abstract:*

*This work suggests that the changes occurring in the Arab media over the past two decades are constitutive of the transformations taking place in Arab societies in this period. Taking advantage of satellite technology, making use of a repertoire that resonates throughout the region and focusing your content on issues considered "Arab", transnational political communication in the Arab world is capable of echo what happens in an Arab country throughout the region and therefore can be considered as one of the key elements that led to the "domino effect" seen in the ongoing popular uprisings in the Arab world since 2010.*

*Key words:* Arab politics, Arab media, Arab Spring.

---

<sup>1</sup> Doutora em Política e Estudos Internacionais pela School of Oriental and African Studies – SOAS, University of London. Professora de Relações Internacionais da UniRitter Porto Alegre.

**E**m 1991, Paul Noble observou que “em alguns aspectos, o sistema árabe assemelha-se a uma vasta câmara de som na qual informações, ideias e opiniões ressoam com pouca consideração para com as fronteiras estatais. Desenvolvimentos políticos e mudanças em um segmento do sistema [reverberam] em outros segmentos” (Noble 1991, 47-48). Essa afirmação provou-se impressionantemente atual e verdadeira na transição da primeira para a segunda década do século XXI. O desenvolvimento da tecnologia via satélite na região árabe<sup>2</sup>, nos anos 1990, desencadeou uma revolução nas formas tradicionais de mídia de massa, nomeadamente jornais, rádio e televisão que, anteriormente, eram de controle quase exclusivo dos regimes árabes. Esta nova mídia privada transnacional surgiu como um locus alternativo para o debate político, libertando jornalistas das amarras dos censores estatais e permitindo a ligação das populações árabes, não só dentro da região, mas também fora dela, integrando a diáspora árabe ao dia-a-dia da política árabe. Se há alguns anos se podia falar em um “enorme hiato entre o dina-

mismo e a profunda transformação dos meios de comunicação no mundo árabe e o [pequeno] impacto que este dinamismo tem tido sobre os processos políticos e instituições [regionais]” (Kraidy 2007), isso deixa de ser verdade a partir de 2010. Isso porque, conforme sugere esse artigo, as transformações ocorridas nos meios de comunicação árabes nas últimas duas décadas são constitutivas das transformações que vem ocorrendo nas sociedades árabes e que culminaram com os levantes populares em curso na região desde 2010. Aproveitando-se da tecnologia via satélite, fazendo uso de um repertório que ressoa em toda a região e focando seu conteúdo em questões consideradas “árabes”, a mídia árabe transnacional permite que acontecimentos em um país árabe reverberem por toda a região e isso faz dela um dos elementos fundamentais do “efeito dominó” visto nos desenvolvimentos da chamada Primavera Árabe, que vem atingindo, em maior ou menor grau, todos os regimes da região. Para sustentar o argumento oferecido para consideração aqui, este trabalho vai examinar 1) o papel desempenhado pela língua árabe em facilitar a regionalização da indústria midiática árabe; 2) o desenvolvimento histórico da mídia de massas árabe; 3) o estado atual das comunicações políticas transnacionais árabes, com foco na TV via satélite árabe, jornais pan-árabes e blogosfera árabe. Na conclusão, o argumento será discutido à luz da economia-política regional árabe.

<sup>2</sup> Para efeitos desse artigo, a região árabe é formada pelos vinte e dois membros da Liga Árabe de Estados, a saber, Líbano, Egito, Iraque, Síria, Jordânia, Arábia Saudita, Iêmen, Sudão, Líbia, Tunísia, Marrocos, Kuwait, Argélia, Ilhas Comores, Bahrein, Qatar, Omã, Emirados Árabes Unidos, Mauritânia, Somália, Djibuti e Palestina. Para uma discussão sobre a integração regional árabe ver Ferabolli, Silvia. *Relações Internacionais do Mundo Árabe: os desafios para a realização da utopia pan-arabista*. Curitiba: Juruá, 2013 (2nd edição).

## Paisagem midiática em árabe

O atual poder da língua árabe em sua forma padronizada, ou o novo "koine, ou árabe educado, uma mistura de formas urbanas e rurais de árabe amalgamados em um tipo de fala que é mutuamente inteligível para os árabes" (Alshaer 2011, 289) é, em grande medida, o resultado das políticas de arabização (no sentido de tornar o árabe a língua oficial do Estado), levada a cabo pelos regimes nacionalistas árabes pós-coloniais.

O papel da Organização Cultural, Científica e Educacional da Liga Árabe (ALESCO) também foi significativo neste sentido. No entanto, a língua árabe também está se tornando cada vez mais unificada devido ao poder da televisão por satélite árabe e sua capacidade para cobrir os supostos 14 milhões de km<sup>2</sup> da massa terrestre árabe (do Atlântico ao Golfo). Como um jornalista entusiasmado da *The Economist* relatou:

O árabe é uma língua ricamente diversificada e estratificada. Os nativos de Laayoune [no Saara Ocidental] ainda falam seu dialeto local. Mas agora que eles ouvem uma série de usos todos os dias – do discurso clássico da literatura a seus vários derivativos regionais – estes já não mais o assustam por sua superformalidade ou exotismo. A língua escrita ensinada nas escolas, conhecida como árabe padrão moderno, costumava ser esquecida no dia-a-dia. Agora ela emerge como uma língua realmente falada, acessível não só aos poucos educados, mas a todos (The Economist, 2005).

De fato, o poder não só da televisão árabe via satélite, mas também da imprensa pan-árabe e da blogosfera árabe, de conectar o mundo árabe através de uma forma mutuamente inteligível da língua árabe é o ápice de um processo iniciado em 1967 pelos Ministros da Cultura e Informação dos então países membros da Liga dos Estados Árabes (LAS), que se reuniram na Tunísia e "capturados pela corrida ao espaço" desenharam o esboço de um sistema de satélite pan-árabe que conectaria toda a região. Esta conferência "definiu a visão para o estabelecimento de um sistema espacial usando as tecnologias de satélite emergentes para apoiar as necessidades de informação, de cultura e de educação dos países árabes" (Arabsat 2006). Dez anos depois, em 1976, os então 21 membros da LAS assinaram um acordo que estabeleceria formalmente a Arab Satellite Communications Organization (Arabsat), que seria baseada em Riad, na Arábia Saudita. O objetivo do Arabsat foi definido nos seguintes termos: "servir as necessidades dos setores de telecomunicações, informação, cultura e educação do mundo árabe por meio de serviços baseados em satélites que correspondam aos mais elevados padrões internacionais" (Arabsat 2006). A Arabsat iniciou oficialmente suas operações comerciais em 22 de agosto de 1985. Ela não só foi pioneira no fornecimento de tecnologia de transmissão digital para o mundo árabe, como também foi "a primeira a trazer serviços de internet via satélite

para a região, em 1999" (Arabsat 2006). Hoje, a Arabsat é a operadora líder de satélites no mundo árabe.

### **Da mídia colonial à mídia transnacional**

A mídia árabe passou por três fases históricas: a colonial, a pós-colonial e a pós-década de 1990 (Ayish 2003). A fase colonial caracterizou-se pelas tentativas das potências coloniais de desenvolver os meios de comunicação nos países árabes, a fim de melhor servir os interesses do Estado colonial. Na fase pós-colonial, os regimes árabes fizeram uso da mídia controlada pelo Estado para consolidar o poder dos Estados nascentes. O aumento nas taxas de alfabetização, resultante das políticas de educação promovidas pelos Estados árabes independentes, levou a uma demanda crescente por jornais diários e programas de notícias em língua árabe. Vários cursos relacionados à mídia foram criados, especialmente no Egito, para responder à demanda das populações árabes por mais informações, entretenimento e networking. A revolução provocada pelos sistemas de satélite, pela tecnologia de transmissão digital e pelos serviços de internet baseados em satélites deu início, na década de 1990, à terceira e atual fase da mídia árabe.

As mudanças fundamentais nas comunicações transnacionais árabes começaram na década de 1990, quando empresários do Golfo se tornaram os principais investidores da mídia árabe além-mar. Atraídos pela promessa de lucro e status

pessoal, eles foram encorajados a estabelecer suas corporações na Europa, principalmente em Londres, onde estariam livres da censura governamental. Os custos para o estabelecimento de tais empresas em Londres poderiam ser pagos por esses investidores, que buscaram controlar as mais importantes publicações pan-árabes – e, em grande medida, conseguiram. Seus jornais atraíram (e ainda atraem) os mais talentosos jornalistas árabes, fazendo de Al-Sharq Al-Awsat e Al-Hayat os jornais pan-árabes mais lidos no mundo (Rugh 2004, 168). Este fenômeno foi mais tarde repetido em relação à TV árabe por satélite, visto que as duas mais populares redes de televisão pan-árabes, Al-Jazeera e Al-Arabiya, são propriedades do Emir do Catar e do cunhado do rei da Arábia Saudita, respectivamente.

Essa nova paisagem midiática árabe, composta por TV via satélite, imprensa pan-árabe offshore e blogosfera árabe, vem atraindo a atenção de pesquisadores há algum tempo, levando alguns autores inclusive a afirmar que estes novos meios de comunicação árabes "cada vez mais constroem os quadros narrativos dominantes através dos quais as pessoas compreendem os eventos" (Lynch, 2003). No entanto, algumas vezes questionam esse tipo de informação chamando a atenção para "o grau em que os indivíduos e as comunidades formam opiniões e priorizam questões com base em sua própria experiência de vida, conhecimento cultural, expectativas e quadros de referência interpreta-

tivos" (Sakr 2009, 2). Enquanto esse debate certamente merece ser mais explorado, essa não é uma tarefa que esse texto irá realizar, visto que seu foco está na discussão de como as comunicações políticas transnacionais no mundo árabe fazem o que acontece em um país árabe reverberar através de toda a região.

### **TV árabe via satélite**

A pequena cidade empoeirada de Laayoune encontra-se no extremo ocidental do deserto do Saara, ou o mais longe que se pode chegar da Arábia e ainda estar em uma terra de língua árabe. Antes deste século, seus únicos links com o oriente árabe eram as ondas de rádio curtas, jornais velhos, um filme egípcio ocasional e as histórias dos peregrinos voltando do haj. Mas, agora, o clamor de lugares como Beirute e Bagdá chega às portas de Laayoune: na verdade, dentro de suas salas de estar, 24 horas por dia. Em todo o mundo árabe, o impacto da antena parabólica foi profundo. Ela [...] criou um sentimento de pertença e participação em uma espécie de metrópole árabe virtual. Ela começou a tornar realidade um sonho que 50 anos de discursos e gestos políticos não conseguiram realizar: a unidade árabe (The Economist, 2005).

Para atingir públicos tão distantes como os de Laayoune e Beirute ou Abu Dhabi, a mídia árabe tem investido na transmissão de notícias regionais, em detrimento daquelas locais. Kraidy (2007, 5) explica que "o localismo tem sido tradicionalmente uma importante dimensão de meios de comunicação públicos na América do Norte e Europa Ocidental. Em contraste, a mídia árabe que mais se aproxima de uma mídia

pública foca em questões de nível regional (ou seja, pan-árabe), em detrimento do localismo". Mídia pan-árabe e questões pan-árabes, muitas vezes, se co-constituem e o caso do Iraque é ilustrativo disso. O sofrimento do povo iraquiano pode ser uma questão de "interesse coletivo árabe" (Lynch 2003, 4) e o motivo pelo qual o país recebe cobertura maciça da Al-Jazeera. Ou, talvez, tenha sido exatamente "a furiosa e ininterrupta cobertura de 1998 dos bombardeios da Operação Raposa do Deserto pela Al-Jazeera" (Lynch 2003, 4), seguida pela cobertura da ocupação do Iraque em 2003, que fez o Iraque não apenas uma questão de interesse árabe, mas até mesmo "um poderoso princípio definidor de uma nova identidade árabe e islâmica" (Lynch 2003, 4). Não há dúvida de que questões locais ainda são as de maior interesse para as populações árabes, mas há também um grande interesse nas "agruras de iraquianos e palestinos, a 3.000 quilômetros de distância" (The Economist, 2005).

Lynch (2003, 2) explica que os modernos meios de comunicação transnacionais no mundo árabe e, acima de tudo, a TV via satélite, cujo foco principal recai sobre assuntos de interesse pan-árabes, estão transformando o que ele chama de "cultura política árabe" – e esta transformação está se processando a partir do interior da região. A revolução das comunicações transnacionais no mundo árabe é sustentada pelos "produtores da nova tecnologia na região, os developers e em-

presários que estão realmente criando a revolução" (Anderson citado em Dunn 2000, 353). A Arabsat, por exemplo, apresenta-se como uma "entidade orgulhosa de ser operada por árabes" que é dirigida e operada por uma classe mundial de profissionais árabes altamente qualificados (Arabsat 2006).

Al-Jazeera e Al-Arabiya, os principais canais por satélite pan-árabes, também são dirigidos por árabes, apesar de terem objetivos diferentes. O ex-diretor da Al-Jazeera, Mohammed Jasim al-Ali, explicou a arabicidade da TV do Catar nos seguintes termos: "eles [a equipe Al-Jazeera] carregam consigo a experiência profissional da BBC, mas sua origem como árabes significa que podemos adaptar essa experiência e aplicá-la para o mundo árabe. Nós conhecemos a mentalidade dos árabes" (El-Nawawy; Iskandar citados em Lahlali 2011, 80). Este tipo de raciocínio "pode ser considerado tendencioso em favor do público árabe e alguns podem considerá-lo como uma tentativa de abrir mão da objetividade a fim de ganhar popularidade entre o público árabe" (Lahlali 2011, 80). A Al-Arabiya, por outro lado, visa oferecer notícias "guiadas pela 'liberdade fundamentada e responsável', sem envolver-se nas controvérsias muitas vezes associadas a sua rival Al-Jazeera" (Zayani; Ayish citados em Lahlali 2011, 109). O proprietário saudita da Al-Arabiya disse querer que sua empresa seja "uma emissora de notícias calma e objetiva" e, assim, as tropas americanas estacionadas no

Iraque são chamadas pela Al-Arabiya de "forças multinacionais" em vez de "forças de ocupação" e os abusos de direitos humanos do Iraque durante a era de Saddam Hussein são apresentados "a fim de contextualizar a invasão e fornecer um relato equilibrado do que está acontecendo no Iraque" (em Lahlali 2011, 110). Se a Al-Jazeera é criticada por ser tendenciosa em favor do público árabe, a imparcialidade da Al-Arabiya pode ser vista como "uma tentativa de apaziguar os americanos [ou] minar a insurgência [iraquiana]" (Lahlali 2011, 110). Na atual batalha entre Al-Jazeera e Al-Arabiya por corações e mentes árabes, a primeira parece estar ganhando. Especula-se que a Al-Jazeera tenha uma audiência potencial total de pelo menos 45 milhões de telespectadores, com cerca de 5 milhões deles fora do mundo árabe. A Al-Arabiya, por outro lado, tem apenas cerca de metade da audiência da Al-Jazeera e essa é muito mais centrada no Golfo (Lahlali 2011).

Mesmo que Al-Jazeera e Al-Arabiya sejam os mais populares canais via satélite pan-árabes isso não significa que suas posições sejam incontestáveis. O sucesso inicial da Al-Jazeera destacou as potencialidades para o lucro, prestígio e poder das transmissões pan-árabes via satélite. Hoje, as libanesas LBC/Al-Hayat e a Al-Manar (essa última, de propriedade do Hezbollah), a saudita MBC e a Abu Dhabi TV, para citar alguns exemplos, estão desafiando as duas gigantes dentro e fora do mundo árabe. E os

números em jogo são enormes: a Al-Jazeera em inglês tem potencial de transmissão para "mais de 220 milhões de residências em mais de 100 países" (Campbell 2011). Além disso, populares apresentadores de TV, como George Kordahi, tornaram-se celebridades em todo o mundo árabe e podem atrair audiências gigantescas. O apresentador do programa Quem vai ganhar um milhão? da saudita MBC afirmou que "80 por cento dos telespectadores árabes assistiam a seu show" (Lynch 2005) o que o permitiu arrecadar 100 milhões de dólares para a causa palestina quando ajudou a promover uma maratona televisiva para arrecadação de fundos (Al-Jazeera 2011 online). Kordahi, cuja reverência ao pan-arabismo não é segredo, presta "homenagem explícita às preocupações políticas pan-árabes, como a questão palestina. Um dos bordões mais populares de Kordahi era 'saudações ao inabalável povo da Palestina'" (Lynch em 2005). O apresentador se orgulha de retratar a si mesmo como alguém capaz de ajudar "os árabes a se conhecerem mais uns aos outros" (Al-Jazeera 2011 online).

### **Jornais pan-árabes**

A imprensa pan-árabe além-mar é um fenômeno que surgiu no final da década de 1970, quando jornalistas que escapavam da guerra civil libanesa buscaram refúgio em Londres. Desde a sua criação, essa nova mídia impressa localizada no exterior foi voltada principalmente para o mercado no mundo árabe, ao invés da

diáspora árabe na Europa. De fato, "a mídia árabe moderna offshore nasceu [e foi] produzida por árabes, para os árabes, em língua árabe e com agendas e atitudes árabes, mas fora dos limites sufocantes dos Estados árabes" (Jarrah 2008). No entanto, os países árabes sempre tiveram uma "mão" nestas publicações pan-árabes por meio de subsídios, pagamentos, publicidade e assinaturas em massa, o que significa que certas concessões e autocensura tornaram-se norma nestas publicações, mesmo que elas estivessem operando longe das capitais árabes (Jarrah 2008). Tais publicações são influentes porque apresentam perspectivas, opiniões e informações que nunca seriam permitidas nos jornais sediados no mundo árabe e possuídos (ou pelo menos permitidos) por esses Estados (Jarrah 2008).

No entanto, a crise do Golfo mudou radicalmente os modernos meios de comunicação árabes no exterior e esta realidade está diretamente ligada ao papel desempenhado pela Arábia Saudita na "moderação" da imprensa pan-árabe baseada em Londres: "jornalistas cujas lealdades foram consideradas suspeitas foram expurgados de algumas publicações, e os sauditas embarcaram em uma campanha agressiva (e em curso) de aquisições nas mídias árabes, começando com a compra total do Al-Hayat" (Jarrah 2008). Esse movimento saudita tem levado àquilo que alguns autores chamam de "saudização" da imprensa árabe offshore, especialmente no que concerne

ao conteúdo do Asharq al-Awsat e Al-Hayat (Jarrah 2008).

A suposta saudização da imprensa árabe além-mar, juntamente com o surgimento dos serviços de internet baseados em satélites (o que levou à introdução no mercado árabe de novos jornais pan-árabes independentes, tanto on-line quanto impressos), reduziu a popularidade dos principais jornais pan-árabes sediados em Londres. O apelo da mídia impressa continuará a diminuir na medida em que o uso da internet se espalha pelo mundo árabe: "com as notícias sendo uma das formas de conteúdo mais populares entre os jovens na região árabe, não é de estranhar que o consumo está se movendo para a internet, com 40% dos leitores acessando notícias através da internet em 2009" (Arab Media Outlook Report 2010, 33).

No que concerne aos três grandes jornais pan-árabes estabelecidos em Londres, suas características são descritas por Jarrah (2008):

O Al-Hayat de hoje não é tão extraordinário. Ele ainda tem pontos fortes. Mas, como o Asharq al-Awsat, mesmo que em menor grau, a influência saudita tornou-se mais visível. Leitores de longa data queixam-se de uma abordagem editorial mais conformista e uma erosão geral da qualidade. [...] No outro extremo do espectro político, Al-Quds al-Arabi é provavelmente o único dos grandes jornais de Londres que realmente precisa de sua base offshore. Como porta-estandarte da mídia impressa pan-árabe anti-establishment, é insultado por detratores como demagógico e reverenciado pelos fãs por sua coragem e sinceridade ao criticar os regimes árabes e por publicar notícias pouco simpáticas sobre eles. Como resultado, ele

sofre exclusão total em alguns países árabes, enfrenta proibições temporárias frequentes em outros e sua arrecadação de publicidade comercial é exígua.

De um jornal pan-árabe se espera, mesmo que ingenuamente, que diga o que o Estado árabe não permite que a imprensa nacional diga. Quando ele é visto como não desempenhando essa função que se espera dele (ou seja, falar para o público árabe e em nome do público árabe), os leitores reagem movendo-se para outros veículos de comunicação. Esta é uma das razões pelas quais o consumo de notícias está se movendo para a internet, em busca de conteúdo independente – outrora monopólio da imprensa árabe além-mar. O surgimento da blogosfera árabe, discutido abaixo, está diretamente ligado a estas dinâmicas.

## **Blogosfera árabe**

Ao contrário do que o título desta subseção possa indicar, mesmo que exista de fato uma blogosfera árabe, um estudo realizado por Etling et al (2010) revelou que os blogueiros árabes são mais focados em questões políticas internas. No entanto, este mesmo estudo também revelou que "a preocupação com a Palestina é uma questão que une toda a rede". O Arab Media Outlook Report de 2010 também declarou que "quanto mais 'local' o conteúdo, mais popular [o blog] é entre os consumidores" (2010, 13). No entanto, o relatório considera "local" duas coisas diferentes: "Nós levamos em conta os dois aspec-

tos do conteúdo 'local', analisando-o a partir de um ponto de vista pan-árabe, que inclui o conteúdo produzido e consumido por uma audiência pan-árabe (por exemplo, canais como a MBC ou jornais como Asharq al-Awsat), bem como a partir de um ponto de vista nacional, incluindo conteúdo em canais terrestres, em jornais de circulação nacional e em sites locais" (Arab Media Outlook Report de 2010, 14). Neste sentido, o "local" pode significar tanto "regional" quanto "nacional" com a Palestina figurando como a questão regional de maior importância nacional (ou a questão nacional de maior importância regional?)

Não é de hoje que a Palestina é a questão que une o mundo árabe como um todo. Autores como Kazzuha (1990) argumentam que a luta dos palestinos contra Israel, especialmente depois de 1948, está no cerne da disseminação do sentimento nacionalista árabe do "núcleo levantino" para o resto do mundo árabe:

[Depois de 1948] a Palestina tornou-se não apenas uma parte da política árabe, a nível oficial, mas também um elemento essencial para a consciência política da juventude árabe e para os oficiais que chegaram ao poder em alguns dos países do núcleo árabe durante a década de 1950. Ela contribuiu para o colapso final dos antigos regimes da Síria, Egito e Iraque e, em diversas ocasiões, ameaçou por fim na monarquia jordaniana (Kazzuha 1990, 301).

O poder mobilizador da causa palestina se espalhou por toda a região árabe depois de 1948,

gerando um sentimento de fraternidade entre os cidadãos árabes que não poderia ser ignorado pelos líderes políticos locais: "a participação de uma unidade marroquina em combate na frente da Síria durante a Guerra de Outubro [1973] foi talvez um dos atos mais populares do rei Hassan depois que ele chegou ao poder. Da mesma forma, o envio de tropas argelinas para o Egito em 1967 (...) revitalizou o senso revolucionário argelino" (Kazzuha 1990, 311). Meio século mais tarde, na era da televisão via satélite, os palestinos ainda unem o mundo árabe: "a popularidade da Al-Jazeera cresceu [com] a eclosão da intifada palestina em outubro de 2000. As reportagens explícitas e ao vivo do derramamento de sangue prendiam as audiências árabes, gerando em toda a região uma onda de simpatia para com os palestinos" (The Economist, 2005).

Questões nacionais e regionais são muito importantes na blogosfera árabe e elas parecem interagir umas com as outras fazendo a alegação feita por Lynch em 2007 de que "há menos uma 'blogosfera árabe' do que uma série de blogosferas nacionais frouxamente ligadas em pontos nodais" (2007, 22) parecer obsoleta. As palavras de um blogueiro retornando do Terceiro Encontro de Blogueiros Árabes, que ocorreu em Túnis, em 2011, parece descrever melhor o papel que os bloggers veem para si mesmos no atual momento da história árabe:

Esta multidão tem sido protagonista, cada uma seu próprio país, deste fenomenal 2011. Cada uma dessas pessoas, junta-

mente com a juventude árabe de cada país, provou ser capaz de contribuir, online e offline, para a formação de um novo futuro para a região árabe. Dois anos atrás [no Segundo Encontro de Blogueiros Árabes, realizada em Beirute, em 2009] eu senti que havia uma espécie de "pan-arabismo cultural", um sentimento de unidade que permeava a reunião. Desta vez [2011] era ainda mais forte. Existe algo que esses jovens compartilham que vai além da retórica. As Primaveras Árabes têm reforçado este sentimento que vem se construindo nos últimos anos, graças aos encontros presenciais, mas principalmente graças à Internet e às redes sociais. Essa juventude árabe é verdadeiramente pan-árabe. A revolução de um é a revolução de todos. A liberdade de um será a liberdade de todos" (Della Ratta 2011).

A citação acima corrobora a percepção de Khanna de um sentimento de unidade entre a juventude árabe que se espalha rapidamente:

Como o senso de europeísmo, esse sentimento de arabismo está se acelerando rapidamente entre a juventude eletrônica e profissionalmente globalizante no mundo árabe. Intercâmbio de estudantes, conferências de ativistas, mídia impressa e blogs da internet estão contribuindo para um impulso amplo, coordenado, "de baixo", para a mudança política, uma tendência não vista com tal consistência em nenhum outro lugar do mundo. Em outras palavras, ao passo que o Islã político é, de fato, em grande parte um fenômeno de nível nacional, o arabismo político existe fortemente na consciência árabe (Khanna, 2006).

Não há dúvida de que os blogs no mundo árabe estão restritos a uma fração diminuta da pequena elite conectada online. No entanto,

muito da nova energia na política árabe vem de grupos relativamente pequenos de

ativistas [mas] uma tecnologia que amplifica seus esforços pode ter um impacto desproporcional, mesmo que não chegue às massas. Grande parte dos leitores de blogs árabes são ativistas políticos, jornalistas e outras elites politicamente influentes (assim como acadêmicos e governos estrangeiros que tentam medir a opinião pública árabe), um público de alta qualidade, mesmo se relativamente pequeno (Lynch 2007, 5).

Essa minoria não só importa como eles também se percebem como tendo um papel significativo na transformação da realidade política que as sociedades árabes enfrentam hoje. Como um blogueiro árabe afirmou em um artigo para o *The Guardian* "nossos papéis como blogueiros no processo vindouro de construção da nação terá que ser adaptado a estas novas realidades" (Badran 2011). Além disso, a repercussão tanto na mídia árabe quanto nos meios de comunicação internacionais do Terceiro Encontro de Blogueiros Árabes revelou que esses blogueiros não são os únicos que têm grandes expectativas para sua participação política no processo revolucionário árabe. Abaixo, uma seleção não exaustiva de algumas manchetes da imprensa, e seus respectivos veículos de comunicação, a respeito do Terceiro Encontro de Blogueiros Árabes, em Túnis: ArabNet – The 3rd Arab Bloggers Meeting; BBC Outriders Podcast – Arab Bloggers Summit 2011; New York Times – A Blogger at Arab Spring's Genesis; IPS – Social Media Lift the Silence; Al Jazeera – Arab bloggers meet in post-revolution

Tunisia; The Guardian (Comment is free) – The first Arab Bloggers Meeting was private and low key. Not this year's; National Public Radio – Arab Bloggers Gather In Tunisia After Arab Spring; Al Jazeera English – Tunisia denies visas for Palestinian bloggers; Voice of America – Why Did Tunisia Block Palestinians From Arab Blogger Conference?; Press TV (Iran) – The 3rd blogger's conference opens in Tunisia; AFP – La blogosphère arabe, Nobel potentiel, s'interroge sur elle-même; AFP – Arab bloggers debate role ahead of Nobel Peace Prize.

Finalmente, Lynch (2007, 24) levanta uma questão pertinente em relação à arabicidade da blogosfera árabe: "o que faz um blog 'árabe'?" Ele levantou essa questão depois de ter visto a inclusão de seu blog, Abu Aardvark, no popular agregador de blogs árabes Toot, a despeito do fato de ele não ser árabe nem residir em um país árabe, mesmo que escreva sobre questões árabes. O Toot responde a interrogação de Lynch da seguinte maneira: "Somos, nós mesmos, blogueiros, leitores, designers e tecnólogos. Estamos muito animados em construir um novo meio em que vozes inteligentes de e para a Arábia são reunidas e apresentadas para uma comunidade mais ampla" (2011 Toot online). Se Lynch escreve sobre "questões árabes", então seu blog pode ser considerado parte da blogosfera árabe, o que significa que não são apenas falantes nativos de árabe, nem exclusivamente nacionais árabes, ou somente questões árabes que fazem a blog-

osfera árabe, mas a soma de todos esses elementos. Poder-se-ia argumentar que, no caso de resolução do problema nacional palestino, pouco restaria para ser chamado de "questão árabe". No entanto, a ocupação do Iraque, em 2003, e o papel que a OTAN desempenhou na derrubada do regime de Kadafi na Líbia, em 2012, sugere que "a característica mais marcante" da região árabe, qual seja, "a tradição de intervenção externa" (Henry; Springborg 2010, 3) continuará a produzir questões para os povos árabes considerarem como suas, pelo menos no futuro próximo.

## Considerações Finais

Depois de ter examinado o papel desempenhado pela língua árabe no sentido de facilitar a regionalização da indústria midiática árabe, apresentado o desenvolvimento histórico dos meios de comunicação árabes e discutido o estado atual das comunicações políticas transnacionais no mundo árabe, pode-se argumentar plausivelmente que, ao aproveitar-se da tecnologia via satélite, fazer uso de um repertório que ressoa através de toda a região e focar seu conteúdo em questões consideradas "árabes", a comunicação política transnacional no mundo árabe é capaz de fazer o que acontece em um país árabe ecoar por toda a região e, portanto, pode ser considerada como um dos elementos fundamentais que levaram ao "efeito dominó" visto nos levantes populares em curso no mundo árabe desde 2010.

A discussão proposta neste trabalho pode ter levado o leitor a pensar que o fenômeno da comunicação política transnacional no mundo árabe é uma evidência inegável de que existe uma esfera pública árabe autônoma para além dos domínios do aparelho estatal árabe. No entanto, essa história não termina assim. Não se pode separar a esfera pública árabe gerada pelos meios de comunicação transnacionais do papel que a Liga Árabe desempenhou na criação Arabsat e do papel do dinheiro do Golfo em seu financiamento. Os maiores contribuintes financeiros da Arabsat são Arábia Saudita (36,66%), Kuwait (14,59%), Qatar (9,81%) e os Emirados Árabes Unidos (4,66%). Isso significa que pelo menos dois terços dos recursos da Arabsat vem do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG). Além disso, o apelo dos jornais pan-árabes e sua capacidade de atingir grandes áreas do mundo árabe e além – atingindo as comunidades árabes na Europa e nos Estados Unidos – não pode ser dissociada do financiamento saudita (como no caso de Al-Hayat e Asharq al-Awsat), que lhes permite contratar os jornalistas árabes mais qualificados. Além disso, estes jornais pan-árabes se aproveitam da transmissão pela internet via satélite para impressão simultânea em um grande número de cidades em todo o mundo, o que é outro desenvolvimento pioneiro de Arabsat, por sua vez, largamente financiada pelo CCG. Por fim, as centenas de canais árabes por satélite que cobrem grandes áreas do mundo

árabe, alguns deles atravessando todos os vinte e dois membros da LAS e além são, na sua maioria, de propriedade de capital privado e a maior parte desse capital, mais uma vez, vem do Golfo, especialmente da Arábia Saudita. Não há dúvida de que a tendência para a regionalização da indústria midiática árabe está tornando os povos árabes mais conscientes do seu espaço regional e o efeito dominó visto nos levantes populares em curso desde 2010 reforçou esta percepção não só aos olhos árabes, mas também aos olhos da comunidade internacional. No entanto, se os mais conservadores dentre os Estados árabes (os membros do CCG) são aqueles que estão financiando as comunicações políticas transnacionais no mundo árabe e se os desenvolvimentos tecnológicos da Arabsat estão nas mãos dos atuais principais patrocinadores da Liga Árabe (o estados do CCG, mais uma vez), então deve-se perguntar o quão longe – e por quanto tempo – será permitido que os efeitos da chamada Primavera Árabe reverberem através da região.

## Referências

- AL-JAZEERA (2011). One on One. George Kordahi. Available at: <  
<http://www.aljazeera.com/programmes/oneonone/2008/08/2008828585711513.html>>. Access in June 17 2011.
- ALSHAER, Atef (2011). Language as Culture: The Question of Arabic. In: SABRY, T. (ed). Arab Cultural Studies: Mapping the Field. London: I.B. Tauris, p. 275-296.
- ARAB Media Outlook Report (2010). Arab Media Outlook 2009-2013. Inspiring. Local content forecasts and analysis of traditional and digital media in the Arab world. Dubai: Dubai Press Club/Value Partners.
- ARABSAT (2006). Thirty years of Arabsat: creating the largest Arab community in the sky. Available at:

- <<http://www.arabsat.com/Public/pdf/ArabSatBookEng.pdf>>. Access in May 11, 2011.
- AYISH, Muhammad I (2003). Arab world television in the age of globalisation: an analysis of emerging political, economic, cultural and technological patterns. Hamburg: Deutsches Orient-Institut.
- BADRAN, Y. (2011). The first Arab Bloggers Meeting was private and low key. Not this year's. The Guardian, October 8. Available at <<http://www.guardian.co.uk/commentisfree/2011/oct/08/ara-b-bloggers-meeting>>. Access in November 20, 2011.
- CAMPBELL, M. (2011). Al Jazeera Enrages Dictators, Wins Global Viewers With Coverage of Unrest. Available at: <<http://www.bloomberg.com/news/2011-02-25/al-jazeera-enrages-dictators-wins-global-viewers-with-coverage-of-unrest.html>>. Access in December 14, 2011.
- CARNEGIE Endowment for International Peace (2004). Arab Reform Bulletin. Statistics on Arab Media. December, Vol. 2, Issue 11.
- DELLA RATTA, D. (2011). Wrapping up the Third Arab Bloggers meeting. Available at: <<http://mediaoriente.com/2011/10/10/wrapping-up-the-third-arab-bloggers-meeting/>>. Access in November 9, 2011.
- DHIAB, Maha (2002). Tahadiyat al-'Uluma li-l-Watan al-'Arabi [The challenges of globalization to the Arab world]. Al Mustaqbal Al Arabi, n. 276, February, p. 148-162. Doha Film Institute. Available at: <<http://www.abudhabi.filmfestival.ae>>. Access in November 29, 2011.
- DUNN, Michael Collins (2000). The Information Revolution. Middle East Journal, Vol. 54, n. 3, p.351-354.
- ETLING, Bruce; KELLY, John; FARIS, Robert; PALFREY, John (2010). Mapping the Arabic Blogosphere: Politics, Culture, and Dissent. Internet and Democracy Project. Berkman Center for Internet & Society at Harvard University. Available at: <[http://cyber.law.harvard.edu/sites/cyber.law.harvard.edu/files/Mapping\\_the\\_Arabic\\_Blogosphere\\_0.pdf](http://cyber.law.harvard.edu/sites/cyber.law.harvard.edu/files/Mapping_the_Arabic_Blogosphere_0.pdf)>. Access in May 13, 2011.
- FERABOLLI, Silvia (2008). Relações Internacionais do Mundo Árabe: os desafios para a realização da utopia pan-Arabista. Campinas: Juruá.
- HADAD, Mahmud (2009). Hal al-Naqid Masmuah fi 'Alam al-Thaqafa al-'Arabiya? [Is criticism allowed in Arab culture?]. Al Mustaqbal Al Arabi, n. 362, April, p. 148-150.
- HENRY, C. M.; SPRINGBORG, R. (2010). Globalization and the politics of development in the Middle East. Cambridge: Cambridge University Press.
- ITOO (2011). About us. Available at: <<http://itoot.net>>. Access in December 20, 2011.
- JARRAH, N. (2008). The rise and decline of London as a pan-Arab media hub. Arab Media & Society, Winter issue. Available at: <<http://www.arabmediasociety.com/?article=571>>. Access in November 14, 2010.
- KAZZIHA, W. (1990). The impact of Palestine on Arab Politics. In: LUCIANI G.; SALAME, G. (eds.) The Arab State. London: Routledge, p. 300-318.
- KHANNA, P. (2006). The New Global Arabism. Washington Post, June 9. Available at: <<http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2006/06/08/AR2006060801362.html>>. Access in October 21, 2009.
- KORANY, B. (1999). The Arab World and the New Balance of Power in the New Middle East. In: HUDSON, M. (ed.) The Middle East Dilemma: the politics and economics of Arab integration. New York: Columbia University Press, p. 35-59.
- KRAIDY, M. M. (2006). Transnational Broadcasting Studies. Reality Television and Politics in the Arab World: Preliminary Observations. Transnational Broadcasting Studies. Issue 15 (Fall/Winter). Available at: <<http://www.tbsjournal.com/Archives/Fall05/Kraidy.html>>. Access in October 27, 2009.
- KRAIDY, M. M. (2007). Public Media in the Arab World: Exploring the Gap between Reality and Ideals. Center for Social Media, School of Communication. American University. Washington, DC. Available at: <[http://www.centerforsocialmedia.org/files/pdf/arab\\_public\\_media.pdf](http://www.centerforsocialmedia.org/files/pdf/arab_public_media.pdf)>. Access in January 6, 2009.
- LAHLALI, E-M. (2011). Contemporary Arab Broadcast Media. Edinburgh: University of Edinburgh Press.
- LYNCH, M. (2003). Taking Arabs Seriously. Foreign Affairs. Available at: <<http://www.marclynch.com/wp-content/uploads/2011/03/Taking-Arabs-Seriously-Marc-Lynch.pdf>>. Access in February 8, 2012.
- LYNCH, M. (2005). "Reality is Not Enough": The Politics of Arab Reality TV. Available at: <<http://www.tbsjournal.com/Archives/Fall05/LynchPF.html>>. Access in July 12, 2011.
- LYNCH, M. (2007). Blogging the New Arab Public. Arab Media & Society, issue 1, Spring. Available at: <<http://www.arabmediasociety.com/?article=10>>. Access in July 12, 2011.
- NOBLE, P. (1991). The prospects for Arab Cooperation in a Changing Regional and Global System. In: HUDSON, M. (ed.) The Middle East Dilemma: the politics and eco-

nomics of Arab integration. New York: Columbia University Press, p. 60-91.

RUGH, W.A. (2004). Arab Mass Media: newspapers, radio, and television in Arab politics. Westport: Greenwood Press.

SAKR, N. (2009). Arab Media and Political Renewal: Community, Legitimacy and Public Life. London: I. B. Taurus.

THE ECONOMIST (2005). Special report: Arab satellite television. The world through their eyes. February 24.

WEHR, Hans. A Dictionary of Modern Written Arabic (Arabic-English). (1994). Urbana: Spoken Language Services. 4th ed.

Recebido em: 01 de Dezembro de 2013

Aprovado em: 02 de Fevereiro de 2014